



DISCURSO

DO SR. JULIO CESAR, ORADOR DO «INSTITUTO»
EM RESPOSTA AO SR. DR. THOMAZ POMPEU

Seja bemvindo o novo lutador.

Nas contendas porfiadas, que vamos pelejando esforçadamente, temos necessidade de campeões, que, alentados na santa ousadia do trabalho, possam levar até a meta o archote accêso dos nossos grandes intuitos.

Intelligencia lucidamente apaixonada pela verdade e nutrida de solidos estudos, palavra aprimorada e exuberante de conceitos, aptidão cultural para a assimilação e generalisação das grandes idéas, poderosa faculdade de analyse e de comparação, dialectica valente, enthusiasmo pelo desenvolvimento social, comprehensão clarividente do presente e intuição radiosa do futuro, eis os elementos de exito, na peregrinação encetada, que nos traz o novo batalhador, sem as visões sentimentaes das gloriolas vãs.

Ao lado do velho que se dissolve e do novo que se elabora, na revelação dos nossos destinos, cada vez mais alto collocamos o nosso idéal.

Multiplicando a nossa acção e a nossa resistencia, temos o que quer que seja do movimento indomito do progresso, utilização definitivamente coordenadora do labor perennal do pensamento humano.

Sempre de pé, na culminação altissima do dever, olhamos para a terra promettida, distanciados do rumor anarchico das paixões e dos interesses.

Seja bemvindo o novo luctador.

Para elle irradiam-se as nossas esperanças, e para nós convergem as suas energias.

E podemos exclamar como Robert Peel, no Parlamento Inglez, quando Palmerston defendia a politica Ingleza na Europa :

«Todos aqui temos orgulho de ouvil-o; elle nos ensoberbece e ennobrece a todos».

Ao entendimento humano os problemas se apresentam incessantes e as soluções quasi sempre têm a mudez da impenetrabilidade.

O infinito, o eterno, o espaço sem limites, a formação da materia cosmica, plasmada de elementos irreductiveis, a força, os phenomenos da ordem psychica, que tem por substratum a textura nervosa, cujas modificações moleculares, realisando-se a cada momento em nós, escapão aos nossos sentidos e aos nossos meios de investigações; tudo que, sem possibilidade de negação, não comprehendemos, syntheses transcendentes, nos torna melancolicamente contemplativos e mysticos, subtrahindo-nos do explicavel, por uma especie de anabiose, e, sem o querer, arrojamo-nos ás regiões insondaveis da pura especulação, dominio incoercivel das incognitas e dos mysterios.

No campo fecundo das observações, a sciencia avança; os factos se accumulão e se encadeião, sem *hiatus*, sem ruptura, sem solução de continuidade, na plena unidade logica das suas leis; as acquisições experimentaes e theoricas vem umas pós outras; as conquistas e descobertas se succedem com a multiplicidade rapida dos vivissimos cambiantes de um kaleidoseopio; operão-se metamorphoses; e por fim não ha mais do que amalgamas de inducções, simples interpretações, hypotheses indemonstraveis, productos de cogitações subteis, paradoxos altisonantes, que não passão de scintillações de relampagos na profundeza da noite das origens.

E a sciencia, na praia extranha do desconhecido, como a deusa grega, fica triste e abandonada.

E' preciso comprehender claramente, diz Ma-
lebranche, que ha cousas absolutamente incom-
prehensíveis.

Mechanismo e fatalidade, transformação e mo-
vimento, asymptotas das curvas que descrevem as
intelligencias, não bastão para explicar a nature-
za como um phenomeno que se transforma sem
cessar; para explicar a humanidade como um dos
accidentes d'esta transformação; para explicar o
individuo como um dos accidentes d'este acciden-
te; e para explicar a alma como o producto com-
plexo d'um numero incalculavel de phenomenos
anteriores.

O mais é querer fazer como aquelles reis de
Lamenais, que ião buscar a treva para fazer o es-
tenographo cego das suas opiniões.

A indestructibilidade da materia, a contesta-
ção das leis para as combinações organicas, a de-
monstração do principio da persistencia da força
como dominadora suprema e sem rival, bases da
concepção monistica da evolução, se conhecemos
no seu dyanismo funcional, na sua estrutura
intima, nos são inteiramente desconhecidas e não
passão de eternas interrogações no meio da mo-
bilidade universal, impalpaveis definições de um
puro nominalismo subjectivo.

A força absoluta, quer seja o principio imme-
diato das causas, sempre *um*, identico a si mesmo,
invariavel em sua constituição propria como em
sua acção fundamental sem determinação e sem
formula; quer seja materia, complexa e variavel
em sua composição e effeito, resultante de acções
multiplas, diversas, não definidas e desconhecidas
em si mesmas, n'um estado confuso e diffuso, é e
será sempre o velho fermento que não se digere,
na phrase mephistophelica.

E os systemas philosophicos marchão para
um ponto ideal, a que não attingem, sempre em
lucta com o abstracto e o experimental, transfor-
mando-nos, como na concepção de Pindaro, em
sombra adormecida no seio das nuvens.

Ha em nós, e fora de nós, alguma cousa, que

não parte do protoplasma amorfo ou d'uma molecula indivisivel, passando por uma serie homogenea de transformações indefinidas.

Somos obrigados, exercutando as questões que se impõem á consciencia, a ser crentes de uma fé espiritualista e religiosa. A indagação do *porque*, longe das condições e das relações dos phenomenos, só nos é dada no terreno das crenças.

Não ha antagonismo entre a sciencia e a fé, ha, sim, distincção de duas series paralelas, que se podem desenvolver correlativamente, sem nunca haver confundir.

Sciencia e fé são dados irreductiveis, e não tem commum medida.

A sciencia, como disse o chimico Dumas no elogio de Faraday, não mata a fé, e a fé mata ainda menos a sciencia.

Não podemos penetrar no interior do lar sagrado das consciencias, para explicar, em seu estado de nudez, *obscurum per obscurius*.

Do inverificavel não podem emergir soluções, que tenham a substancialidade das cousas concretas; porque a ninguem é dado surprehender os arcanos supremos da natureza, na gestão das materias primeiras, na actividade intrinseca da sua força productiva.

Designar nominativamente as cousas, não é conhecê-las. Grubar factos, que tem a plasticidade das argilas, em derredor de uma congerie de hypotheses engenhosamente construidas, não é certamente a sciencia, tal qual se deve concebê-la.

Conta uma lenda bretã, que a cidade de Is, devorada pelo mar, deixa ver nos dias de tempestade a flexa de suas igrejas e nos dias de bonança ouvir o som de seus sinos, tocando os hymnos do dia. A fé é como a cidade de Is, devorada muito embora pelo mar tormentoso da duvida, nas angustias cruciantes da vida, sempre aponta para o invisivel da esperanza eterna, e, nas doçuras da paz intima, canta sempre os hymnos do amor infinito, que é o idéal da inspiração inexgotavel.

Nada ha realmente grande como a crença, que evita as quedas profundas, irremissiveis; que coor-

dena e harmonisa as contradicções da existencia humana.

A nutrição das cellulas, os phenomenos chímicos, o grupamento das moleculas nos crystaes se effectuão sob a acção de forças desconhecidas, mysteriosas, que a sciencia só pela fé acceita a existencia, embora proclame, como um postulado, a virtude geratriz da materia.

A fé, que não tem necessidade de *a priori* metaphysico nem da conclusão da analyse experimental, affirma-se por si mesma; é o holophote collocado no mais alta fastigio da consciencia, que illumina o mar inteiro da existencia.

A' parte divergencias de criterio na apreciação das cousas, o Instituto do Ceará acaba de ter uma victoria.

Saudando o novo luctador, nada mais posso fazer do que apontar-lhe a liça.

Seja bem vindo.